

# HOMOSSEXUALIDADES

## PRÁTICAS E DISCURSOS

*Robson Lima de Arruda*

PACO  EDITORIAL

# PREFÁCIO

In: *Homossexualidades: práticas e discursos*, p. 9- 11, 2021

O livro *Homossexualidades: práticas e discursos* traz contribuições inovadoras para uma compreensão mais profunda sobre um tema que, se por um lado, está presente desde a Pré-História da humanidade, por outro lado, não cessa de causar polêmicas e controversas, sobretudo na cultura ocidental.

Robson Lima de Arruda escreve de forma clara e coerente, tornando a leitura agradável e de fácil compreensão. Sem propor soluções conclusivas para um tema tão complexo, o autor conversa com o leitor, abordando aspectos sociais atuais e relevantes para o Direito do cidadão, e para a construção subjetiva de cada um.

Logo na introdução, somos impactados pela trágica história de Bobby Griffith, um jovem gay americano de 20 anos que, em 1983, se matou devido ao fanatismo religioso de sua mãe que temia que ele não entrasse no reino de Deus por ser homossexual. A história de Bobby retrata, de forma contundente, histórias semelhantes, que mostram as consequências da intolerância e do preconceito que atingem milhares de pessoas, cujas sexualidades não se encaixam no discurso heteronormativo dominante.

Antes de trabalhar com competência o eixo teórico norteador de seu livro – as leituras psicanalíticas das manifestações homoeróticas – Robson Lima de Arruda convida o leitor a ser cúmplice em sua empreitada, ao indagar-lhe em que medida as questões ligadas às homossexualidades já o interpelaram, seja como mera curiosidade sobre sua gênese, seja nas conversas mais triviais do cotidiano nas quais o tema aparece.

O livro destaca-se por nos conduzir, de maneira brilhante e com uma bibliografia de peso, através um esclarecedor

percurso socio-histórico. Da antropologia aos estudos de gênero, passando pelas religiões, direito, sociologia, história, psiquiatria, genética, psicologia, psicanálise, para citar os mais conhecidos, Robson percorre com desenvoltura diversas áreas do conhecimento, inteirando o leitor sobre as inúmeras leituras que as relações homoafetivas, que em 1865 passaram a ser chamadas de *homossexualismo* na nosografia psiquiátrica, têm recebido ao longo dos séculos.

A partir do capítulo três, Robson começa a utilizar-se da psicanálise, solidificando as bases de sua proposta de trabalho. Após apresentar de forma crítica alguns pontos centrais da psicanálise, como a noção da bissexualidade, complexo de Édipo e suas variações, narcisismo, o autor discute com propriedade tanto as contribuições, quanto os impasses e imprecisões, da teoria freudiana na compreensão das homossexualidades.

Acompanhando o pensamento freudiano no que diz respeito aos caminhos pulsionais, Robson deixa claro que as homossexualidades constituem uma das inúmeras vicissitudes da pulsão. Resultado da particularidade dos processos identificatórios, seu enredo é tributário da dinâmica edípica protagonizada pelas escolhas de objetos: por não termos identidade, somos condenados às identificações. Para a psicanálise, falar da “gênese da homossexualidade” levaria aos mesmos impasses que falar da “gênese da heterossexualidade”. A obra freudiana não apresenta um posicionamento que se pretenda conclusivo sobre as chamadas “escolhas sexuais”, pois cada destino pulsional é uma criação particular e singular de Eros.

O que se depreende do longo e cuidadoso caminho teórico percorrido por Robson Lima de Arruda é que as inúmeras apresentações da sexualidade são igualmente

legítimas. A constatação de que relacionamentos homoeróticos sempre existiram em todo grupamento humano levou o autor a concluir que aquilo que a cultura ocidental chama de *homossexualidade*, como uma prática sexual particular, é uma invenção discursiva.

As inúmeras tentativas de “curar a homossexualidade”, todas fadadas ao fracasso; alguns reposicionamentos doutrinários dentro de certas instituições religiosas, ainda que bastante criticadas; conquistas no campo dos Direitos Humanos, com avanços sociais e políticos, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e até mesmo a adoção de crianças por casais homoafetivos, traduzem mudanças nas configurações do tecido social: o amor que não ousa(va) dizer seu nome vem, cada vez mais, ganhando voz e se fazendo ouvir.

O que faz com que, para muitos, as homossexualidades sejam vistas como algo errado, pecaminoso, merecedor de punição, é a moral sexual cultural, que sustenta o imaginário social. É esse imaginário que insiste em tratar como perversão, ou desvio, toda forma de sexualidade que foge à “normalidade” heteronormativa historicamente construída, sempre atrelada ao discurso dominante.

Neste sentido, um questionar constante é necessário para que a singularidade de cada sujeito tenha plenos direitos na pólis evitando, assim, que histórias como a de Bobby se repitam.

A leitura do livro de Robson Lima de Arruda não deixa o leitor indiferente às ressonâncias internas e externas que são despertadas nele, sobretudo no que diz respeito aos caminhos pulsionais, e os elementos presentes na constituição de sua própria subjetividade.

*Paulo Roberto Ceccarelli*